

## Macabéa: a fabulação como direito ao grito\*

Lígia Regina Calado de Medeiros\*\*

### Resumo

Ao subverter o tratamento dado à temática regional, dispensando o comum cenário, *A hora da estrela* (1977) traz à baila a problemática sociocultural de uma nordestina “perdida” na cidade grande. No interesse sobre o procedimento de constituição da personagem, avalia-se a dificuldade do narrador em apreendê-la, respondendo por isso em grande parte o abismo que separa os dois no texto. A representação da heroína passa por uma polarização que contribui para sua nulidade social. A pesquisa é fundamentada especialmente em Durval Albuquerque Jr. (1999) e Marc Augé (2008), para discutir os processos de Invenção e Desterritorialização da personagem. Na comparação com os macabeus bíblicos, identifica-se o reflexo contraditório do espelho, ou metáfora para a admissão da jovem como um ser em resistência, ainda que a despeito de tudo que a cerca na novela.

### Palavras-chave

Macabéa; invenção; realidade; comparação; resistência.

### Abstract

The novel “*The hour of the star*” (1977) brings to light the sociocultural problem of a Northeastern Brazilian woman “lost” in the big city by subverting the treatment given to the regional theme and dispensing with the common scenario. In this paper we are interested in the procedure of the constitution of the main character, Macabéa, by evaluating the difficulties of the narrator in apprehending her, which largely answers the abyss that separates the two characters - protagonist and narrator - in the text. A representation of heroin undergoes a polarization that contributes to her social nullity. Our research is theoretically based on Durval Albuquerque Jr. (1999) and Marc Augé (2008) whose works discuss, respectively, the processes of Invention and Deterritorialization of the main character. In comparison with the biblical Maccabees, the contradictory reflection in the mirror or metaphor for an acceptance of the young woman as a being in resistance, notwithstanding all that surrounds her in the novel.

### Keywords

Macabéa; invention; reality; comparison; resistance.

---

\* Artigo recebido em 21/08/2017 e aprovado em 16/10/2017.

\*\* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Adjunta na Universidade Federal de Campina Grande-UFPG, lotada na Unidade Acadêmica de Letras, Campus de Cajazeiras-PB. É pesquisadora da Área de Gênero, atuando com a crítica feminista em Literatura.

## Introdução

Quando Clarice Lispector lança *A hora da estrela*<sup>1</sup>, em 1977, última obra publicada em vida, procura reunir a temática social, dela tantas vezes cobrada pela crítica, sem abrir mão do investimento psicológico, nem tampouco das artimanhas de um narrador que, implicado na novela, tem em suas digressões, e sobre o processo de construção narrativa em si, as marcas de uma individualidade.

O ponto de vista é próximo de um Eu que, mesmo tentando falar do Outro, não se ausenta da narrativa, o que justifica em grande parte a atuação de Rodrigo S. M. no texto apreciado. Numa perspectiva diversa de condução, a temática social, sempre podendo sofrer tratamento similar a já vista em regionalismos usuais, relaciona-se, desta feita, sob outro modo de angulação. A obra discute pobreza, fome e migração, sem recorrer à trivial instrumentação paisagística. Rompe, assim, com um paradigma tradicional, comumente utilizado para retratar contextos de seca e carências de toda sorte, ao trazer à discussão a vivente Macabéa, ou melhor, (sobre)vivente, tão outra que é em uma cidade em tudo indiferente a ela.

Obviamente esta não constitui tarefa simples, de maneira que, ciente da responsabilidade, e do compromisso que a novela mantém em relacionar-se também com o real acontecido, o narrador adverte:

Como é que sei tudo o que vai se seguir e que ainda o desconheço, já que nunca o vivi? **É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina.** Sem falar que eu em menino me criei no Nordeste. Também sei das coisas por estar vivendo. Quem vive sabe, mesmo sem saber que sabe. Assim é que os senhores sabem mais do que imaginam e estão fingindo de sonsos. (AHE, p. 12, grifo nosso)

Pobre, feia, “perdida”, migrante, são alguns dos caracteres configuradores da personagem. O narrador empenha-se nessa caracterização buscando identificar elementos constituidores herdados da cultura nordestina, através do que desta acredita ter notícias e/ou pelo que vivenciou em criança. São informações recebidas de um Nordeste distante da narração, já que estamos diante de um narrador adulto, cujo saber, internalizado *a priori*, se espraia no texto.

A ambientação se dá no Rio de Janeiro, para onde a protagonista migra e tenta sobreviver. Naquela cidade, ainda que sob outras roupagens, o(a) leitor(a) vai encontrar a heroína deparando-se com problemas similares aos de outros(as) tantos(as)

---

<sup>1</sup> Para efeito de organização das notas de referência, inseridas no corpo do texto, será adotada a sigla AHE, sempre que se fizer menção à novela no desenvolvimento do trabalho.

nordestinos(as), iguais em sorte e miséria, com um agravante, ainda, para a Macabéia, transplantada em terras alheias.

Pensando nesse desajuste sociocultural, é difícil ignorar a fome de Macabéia, na novela, ao se deparar, por exemplo, com o anúncio de um cosmético, veiculado pelas páginas de um jornal. A consistência do produto, na foto do pote aberto, e exibida em atrativas cores, contribui para acentuar as necessidades nutricionais da pobre criatura que, motivada pelo apelo, deseja na verdade comer a colheradas o pote de creme. Para a moça, na contramão do consumo proposto pelo anúncio:

[...] o creme era tão apetitoso que se tivesse dinheiro para comprá-lo não seria boba. Que pele, que nada, ela o comeria, isso sim, às colheradas no pote mesmo. É que lhe faltava gordura e seu organismo estava seco que nem saco meio vazio de torrada esfarelada. Tornara-se com o tempo apenas matéria vivente em sua forma primária. (AHE, p. 38).

Como se vê, há em *A hora da estrela*, para além da fabulação que se constrói, um investimento de identificação da personagem, e do contexto do qual participa, que passa pela problematização social. Reside na tentativa, por sua vez, uma dificuldade de apreender a heroína no texto, marcada inclusive pela apreensão em que se encontra o narrador, debruçado sobre a focalização da jovem. De qualquer modo, tão convicto se mostra em relação à tarefa demandada, que recomenda: “Cuidai dela porque meu poder é só mostrá-la para que vós a reconheçais na rua” (AHE, p. 19). Ou seja, a descrição de Macabéia tem propósitos. Somado isso ao esforço de construção da grande metáfora narrativa, reside sobre o fazer literário da escritora, nesta obra, uma consciência desperta para o que representa a jovem e dela procura dar conta.

Já o nome Macabéia, registrado para a protagonista, tem origem em cultura distante, de uso estranho à maioria, e permite pensá-lo, por isto mesmo, à luz do paratexto. Sob o recurso expressivo da alusão, a narrativa parece recuperar, por seu intermédio, importantes informações da história da Bíblia. Uma delas diz respeito à rebelião macabéia, organizada pelos judeus antigos. A designação faz homenagem ao cognome de um dos seus mentores, Judas Macabeu, herói de muitas peripécias em reação à tirania de alguns líderes gregos.

Conta Flávio Josefo (2007), em *História dos hebreus*, que os macabeus foram compelidos pelos gregos a transgredir suas práticas religiosas, sob pena de serem reprimidos até à morte, caso se negassem a fazê-lo. Cansados da vilania imposta, os judeus insurgem-se contra os opressores e recuperam o direito à doutrina. Em que a história dos macabeus guarda na origem alguma semelhança com a história de Macabéia

exige atenção, seja pela aproximação dos nomes dos heróis, pista narrativa que já leva a uma leitura sugestiva de conflito, seja pela perspectiva da heroína concebida na resistência, ainda que em silente grito.

A saga da nordestina faz lembrar sugestivamente a experiência vivida pelos macabeus. E no enalce do que a produção de Clarice parece envolver, misturando os processos de invenção em busca da realidade acontecida, a leitura do texto de Ruthven (1997) conduz a esclarecedoras perspectivas. Importa neste estudo, sobretudo, o que discute o crítico acerca do grau de politização dos mitos, especialmente quando o assunto se refere a fábulas etnográficas.

Na guerra dos macabeus há uma relação tênue entre mito, religião e realidade. Inicialmente religiosa, desdobra-se o episódio numa tensão política, quando são demarcados, por negociação de disputa, os territórios judaicos. Por associação, é possível afirmar que a movimentação de Macabéa, em *A hora da estrela*, dá-se também a partir de óptica e território socialmente demarcados na narrativa. Em que, pelo viés político, uma história contada, de algum modo, retroalimenta outra, para ilustração do que na novela se faz, é questão que merece desenvolvimento e análise.

### **Sobre espaços de representação em *A hora da estrela***

O Nordeste e, mais especificamente, o sertão, pensado enquanto espaço de representação no campo artístico, com cultura própria e modo de vida arraigado em tradições, termina por fornecer alguns subsídios caracterizadores para um imaginário local. Porém, é preciso atentar, num interesse de assimilação, que entre a invenção e os muitos espaços reais no mapa do Brasil, há estimados desacordos permitidos pela arte.

Uma região, inicialmente geográfica, mas que inventada como espaço da saudade, reiterado pela literatura, música, pintura, arte como um todo, é a tese defendida por Albuquerque Júnior (1999), nisso se justificando já a ideia de um território, a que se refere, ligado ao passado. Em *A invenção do Nordeste e outras artes*, o historiador, desfazendo essencialismos, critica os diferentes discursos que ajudaram a construir a imagem do Brasil rural, do atraso e de uma natureza perdida. Tentar entender alguns caminhos através dos quais se produzem o Nordeste, na cultura brasileira, é o objetivo anunciado pelo crítico, numa importante convicção:

O Nordeste não é recortado só como uma unidade econômica, política ou geográfica, mas, primordialmente, como um campo de estudos e produção cultural, baseado numa pseudo-unidade cultural, geográfica e étnica. O Nordeste nasce onde se encontram poder e linguagem, onde se dá a produção imagética e textual da espacialização das relações de poder. [...] Neste trabalho, o geográfico, o linguístico e o histórico se

encontram, porque buscamos analisar as diversas linguagens que, ao longo de um dado processo histórico, construíram uma geografia, uma distribuição espacial dos sentidos. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999, p. 23).

Buscar compreendê-lo, sob esses aspectos, é estudar a formação histórica de um preconceito, em seu sentido mais literal. Ou seja, tomado em uma visão preconcebida, o Nordeste é inventado sempre na repetição regular de determinados enunciados que se querem definidores do caráter da região e de seu povo. Ao estudioso(a), então, fica reservada a tarefa de examinar as práticas e enunciados que deram conformação a estas ideias.

Na construção espacial dos sentidos, empenha-se o analista histórico em avaliar de que maneira tais discursos, em sua maioria de origem nordestina, na tentativa de representar a região, de forma visível ou dizível, fazem-no de forma a consagrá-lo em uma dada imagem e texto que terminam por se impor até hoje.

No afã de reaprender a pensar o espaço, o texto de Albuquerque Jr. (1999) pode encontrar consonância nas ideias em Marc Augé (2008), sobretudo no que à pesquisa interessa a referência conceitual de “Não-lugares”, quando aplicada ao estudo que faz do espaço, na supermodernidade, percebido por um viés antropológico.

Para Augé, a organização do lugar, visto como fronteira demarcada entre natureza selvagem e natureza cultivada, com sua divisão permanente ou provisória das terras, das águas e da geografia (econômica, social, política e religiosa), tem muito de invenção. E explica:

Este lugar comum ao etnólogo [...] é, num certo sentido (no sentido do latim *invenire*), uma invenção: ele foi descoberto por aqueles que o reivindicam como seu. Os relatos de fundação são, raramente, relatos de autoctonia, na maioria das vezes, ao contrário, relatos que integram gênios do lugar e os primeiros habitantes à aventura comum do grupo em movimento. A marca social do solo é muito necessária porque nem sempre ela é original. O etnólogo, por sua vez, reencontra essa marcação. Acontece mesmo de sua intervenção e sua curiosidade devolver àqueles os quais ele investiga o gosto pelas origens, que os fenômenos ligados à atualidade mais recente conseguiram atenuar e, às vezes, abafar: as migrações para a cidade, os novos povoamentos, a extensão das culturas industriais. (AUGÉ, 2008, p. 44)

Essa invenção, como se vê, fornece ao etnólogo a matéria-prima e o objeto de estudo, mas pode oferecer, também, garante o autor, fantasias e ilusões. Ou seja, se assim é numa percepção antropológica, o que Albuquerque Jr. apresenta, em sua defesa do Nordeste, pode ser traduzido à luz de Augé, como uma dupla invenção. É invenção o que está na arte, analisada por ele, assim como já é o espaço ao qual se reporta.

Apesar de assim ser, o lugar, apontado por Augé como dispositivo espacial vai se definir, ainda, na discussão que desenvolve, em oposição aos “não-lugares”. Estes, por

sua vez, constituem verdadeiros portos de passagem e visam certos fins como transporte, trânsito, lazer, comércio, todos muito próprios da modernidade.

Como se nota, a respeito dessa informação, muito específico é o contexto para o qual se volta o estudo do analista. Entretanto, se faz se distanciar do contexto da obra aqui estudada, pelo menos no que se refere à “deslocalização” do indivíduo (AUGÉ, 2008, p. 41), essa ganha identificação, neste trabalho, com o que vem sendo entendido como “desterritorialização” da personagem.

É que Macabéa, apesar de ter a sua história passada na cidade do Rio de Janeiro, nunca se ajustou. “Desterritorializada”, em *A hora da estrela*, ela é uma heroína enxertada numa cidade à qual não pertence, disso resultando também grande parte de seu alheamento e rejeição. Naturalmente que este desajuste passa também pela lente do outro, representado pelo narrador Rodrigo S. M., em sua vã tentativa de reconhecê-la. A moça é uma “estranha” para ele. E a respeito desse distanciamento que se estabelece entre os dois, embora outra seja a perspectiva, Augé (2008, p. 37), referindo-se aos “civilizadores”, argumenta: “as culturas exóticas não pareciam, outrora, tão diferentes aos observadores ocidentais que eles não tenham ficado tentados a, primeiro, lê-las por meio das grades etnocentradas de seus costumes.” Seria esse o caso do narrador de *A hora da estrela*? É o que se tenta responder ao longo da discussão que segue.

Provavelmente os “construtores do Nordeste”, como Albuquerque Jr. os identifica, da mesma forma que deram visibilidade à região, sobretudo quando atrelada ao termo “seca”, recorrendo ao passado, à memória e à tradição, também tenham contribuído para fomentar, principalmente na Literatura, imagens em reiteração.

A Literatura popular, para ficar num exemplo mais específico, encontra no espaço referente ao Nordeste, sua melhor representação. Todavia, identificada com o espaço que representa, comumente fica, como ele, sujeita às mesmas sanções. É o que lembra o crítico, quando argumenta:

O cordel fornece inclusive a visão tradicionalista que impregnará parte da produção sobre esta região. O “primitivismo” ou o “barbarismo” da fabulação oral parece, pois, ser a forma mais adequada para expressar uma região cujo conteúdo também se vê como “primitivo” ou “bárbaro”, uma forma não moderna de expressão para mostrar uma região também não moderna. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999, p. 113)

Longe de querer discutir a problemática do cordel, o que importa aí, no entanto, é voltar a atenção para essa percepção de alguns críticos, poucos amantes da produção. Com base numa perspectiva enviesada, o Nordeste, conclui-se, sendo um “lugar selvagem”, de “homens-feras” e primitivo, também será em âmbito cultural. Assim

tomado, o cordel recebe, neste julgamento de valor, nítida desvalorização artística. Considerado “menor”, em arte, sua veiculação, por essa óptica, nada mais sendo que uma produção também carente, como todo o resto que representa. Naturalmente esta é uma lógica elitista, que estimula a segregação literária, revelando-se, por sua vez, na presunção da existência de uma arte, por comparação, mais “elevada”.

No que diz respeito ao Nordeste representado na arte, fica-se imaginando o que a última obra publicada por Clarice Lispector, atípica no tratamento dado ao tema, vale repetir, pode guardar de revelação. Na novela em apreciação, a discussão perpassa por Macabéa, inserida na trama em sua complexidade feminina, sem que, na verdade, a narrativa demonstre com isso real interesse por sua condição de mulher. Ao apresentar-se para a história que pretende contar, expondo necessidade de falar de si mesmo, afinal também é personagem, admite precocemente: “Desculpai-me mas vou continuar a falar de mim que sou meu desconhecido” (AHE, p. 15). Isso faz supor que a leitura que a outra personagem de que vai tentar se ocupar já seja “conhecida”. Em que base se dá essa constatação do narrador e se ela produz ou reproduz conhecimento sobre a nordestina, resta saber.

Assim é que assentado sobre a ideia de um Nordeste ligado a um tempo anterior, e por que não dizer primitivo, está o casal Macabéa e Olímpico. Os dois, na atualidade da narrativa, vivem na cidade do Rio de Janeiro, mas são personagens voltadas para trás. O encontro deles é carregado da saudade de um Nordeste passado, perdido para eles, portanto, como garante a narração: “As poucas conversas entre os namorados versavam sobre farinha, carne-de-sol, carne-seca, rapadura, melado. Pois esse era o passado de ambos e eles esqueciam o amargor da infância porque esta já que passou, é sempre acre-doce e dá até nostalgia.” (AHE, p. 47).

Concentrar a conversação entre os dois em torno da comida da região é, por uma leitura em contrário, remetê-los também para o reiterado espaço da fome. É como famintos que os dois são tomados em *A hora da estrela*, também. Embora cada um em ordem diversa. Enquanto a fome de Macabéa, no texto, pede comida mesmo, a de Olímpico não, ele “tinha fome de ser outro” (AHE, p. 65). Ambicioso, o rapaz almeja fama, dinheiro, poder. Casar com uma carioca, de fato a sua primeira “glória” conquistada, é só o começo de uma carreira que deseja galgar até a câmara dos deputados.

Distantes em propósitos de concepção, somente na ferocidade parece que os dois se aproximam, ligados por um passado feroz, conforme sugere o encontro dos personagens, em um açougue: “Para ela, o cheiro da carne crua era um perfume que a

levitava toda como se tivesse comido. Quanto a ele, o que queria ver era o açougueiro e sua faca amolada. Tinha inveja do açougueiro e também queria ser.” (AHE, p. 53). Repare-se, aí, que as posições dos dois são bem definidas. Atraída pelo cheiro da carne, Macabéa está mais para uma presa fácil. A moça, para quem Olímpico “é muito sabedor das coisas” (AHE, p. 52), nisto, dele vai se distanciar. O rapaz tem uma “grandeza demoníaca” (AHE, p. 45), para o que concorre já o significado do nome que carrega, em nítido contraste com o dela, principalmente quando tomado em sua forma diminutiva, “Maca”, como muitas vezes a “amiga” Glória a ela se refere.

Olímpico tem ânsia de fera. E fera vingativa, em *A hora da estrela*, daí a reiterada admiração pelo açougueiro. Matando um homem à faca, informação obtida em *flashback* narrativo, o “valentão”, de certo modo, ao açougueiro já se iguala no texto. Roubar e trapacear são outras formas que encontra, no texto, para mostrar que não se sujeita. Até mesmo quando transforma fotos de poderosos, nos jornais, em caricaturas ridículas, Olímpico encontra nisso uma maneira de expressar a sua subversão.

Definido por ‘cabra safado’ (AHE, p. 46), a específica linguagem é usada no Nordeste e na novela reproduzida para resumir o “mau-caratismo” do moço. Por isso, a “sapiência” traduzida por engano pela ingênua Macabéa, não engana ao narrador, mais “safo” que suas personagens. No que diz respeito à jovem, sua “cultura”, palavra, aliás, cujo significado desconhece (AHE, p. 50), bebe do que ouve na Rádio Relógio: “Era rádio perfeita pois também entre os pingos do tempo dava curtos ensinamentos dos quais talvez algum dia viesse precisar saber. Foi assim que aprendeu que o Imperador Carlos Magno era na terra dele chamado Carolus. Verdade que nunca achara modo de aplicar essa informação”. (AHE, p. 37)

Em *A hora da estrela* compete ao narrador, sem dúvida, o reservatório erudição. Se, para Macabéa, a informação da Rádio Relógio não faz sentido, Rodrigo S. M. não só sabe do que se trata, como insiste nela, em repetição enfática da heroína, numa conversa com o então namorado: “- Olhe, o Imperador Carlos Magno era chamado na terra dele de Carolus!” (AHE, p. 56). E fosse porque, buscando alguma relação com o romance da cavalaria, *Carlos Magno e os doze pares de França*, em que para cada cavaleiro há uma donzela cuja honra carece defender, o narrador assevera mais adiante, ainda que, de novo, por comparação a Olímpico, referindo-se ao atraso da moça: “Macabéa era na verdade uma figura medieval” (AHE, p. 46).



## Uma história que se conta

Se a narrativa não se desvencilha de referentes que se ligam a um tempo passado, como é mostrado, não se pode, por outro lado, ignorar a preocupação do autor textual, quando adverte: “Quero acrescentar, à guisa de informações sobre a jovem e sobre mim, que vivemos exclusivamente no presente pois sempre e eternamente é o dia de hoje e o dia de amanhã será um hoje, a eternidade é o estado das coisas neste momento.” (AHE, p. 18)

Num diálogo ao que parece factual, na obra, Macabéa é órfã de pai e mãe. Criada por uma tia, ela migra do sertão de Alagoas, onde vivia vestida “de chita” e “sem nenhuma datilografia”, pois também “só tinha o terceiro ano primário” (AHE, p. 15), para a cidade do Rio de Janeiro, onde se estabelece. Com tão pouca instrução, o conflito vai se configurando, sobretudo, porque a protagonista é percebida por um narrador-personagem com nível considerável de erudição. “Por ser ignorante era obrigada na datilografia a copiar lentamente letra por letra” (AHE, p. 15).

Não bastasse isto, a origem da jovem parece piorar a questão. Aliás, o lugar de onde provém o discurso fundador da personagem muito diz dos dois, à luz do que igualmente pensa Albuquerque Jr. (1999, p. 105), quando discute a distinção que neste aspecto separa a realidade do Rio de Janeiro do Nordeste como um todo. A cidade como “realidade de artifício, de cimento, em contraposição à [realidade] nordestina, ‘que foi deus que fez e não o homem’. Uma seria a região da memória; a outra, o lugar da história, do passar do tempo.” A uma o imperativo da natureza, ou do homem/mulher a ela submetido; a outra realidade é de cultura, construída e modificada conforme o protagonismo de atuação.

E é sobre essa equação que a moça é dada a conhecer. Tem dezenove anos, um subemprego, e vive na iminência de perdê-lo. Ela divide a moradia de um quarto compartilhado com outras quatro colegas, todas elas Marias (AHE, p. 31), e em situação um pouco melhor do que a dela. Inexistindo por princípio em Macabéa uma consciência de luta, a personagem, que tem por característica apenas “ir vivendo”, é construída em torno da lembrança de tudo que lhe falta. Também lhe faltará voz narrativa que lhe dê sustentação enquanto ser verbal, crítico. No entanto, seguindo a pista de um discurso que assegura haver “direito ao grito” (AHE, p. 13), caminha-se na direção dele, tentando entender de que modo o narrador, fazendo por ela, representa-a audível em *A hora da estrela*.

Dos fatos, chama atenção, ainda, a donzelice da personagem. Olímpico é o único pretendente e, na verdade, nem chega a sê-lo, pois o rapaz não passa de uma “primeira espécie de namorado” (AHE, p. 43), uma aventura amorosa improvável, sendo na condição de virgem que Macabéa morre em *A hora da estrela*. Ela, embora lasciva, vive uma sexualidade *per se*, sem procriação.

De ordem da cultura, já a conjunção via casamento é algo que está, desde cedo, vedado à heroína. Sendo possível perceber nas falas de Olímpico, algumas vezes, em conversa com ela. Em uma delas, irritado com as indagações da jovem, afirma não lhe preferir palavrões, embora Macabéa merecesse, apenas por se tratar dela, uma “moça-donzela” (AHE, p. 49). E sendo essa uma expressão culturalmente utilizada para se referir às mulheres virgens, vai aparecer reiterada por ele. Noutra conversa entre os dois a jovem, querendo saber o significado de uma palavra que ouvira no rádio, recebe dele, sob a ocultação de brios feridos, por não conhecer a real resposta, a sanção de uma fala imposta também pela cultura, como demonstra o seguinte diálogo:

- Na Rádio Relógio disseram uma palavra que achei meio esquisita: mimetismo.

Olímpico olhou-a desconfiado:

- Isso é lá coisa para **moça virgem** falar? E para que serve saber demais? O Manguê está cheio de raparigas que fizeram pergunta demais. (AHE, p. 55, grifo nosso).

À base de uma censura moral, então, para o que concorre o papel de Olímpico, nessa passagem, Macabéa tem assegurada a sua virgindade no texto. É uma história sem disfarce, aparentemente nua e crua, a de Macabéa. No entanto, há o que se revelar na obra, pois como antes prevenira o narrador esta é uma “História exterior e explícita, sim, mas que contém segredos” (AHE, p. 13).

Dedicando-se a eles, portanto, Rodrigo S. M., o narrador de *A hora da estrela*, tenta trazer à luz uma personagem insistentemente percebida por “uma névoa úmida” (AHE, p.16). Como é possível observar, a intenção, ao que parece, consiste numa tentativa de “iluminar”, com o seu conhecimento, a natureza e a vida da jovem protagonista. Uma história que, no esforço de contar, admite, assemelha-se à árdua tarefa de “tirar ouro de carvão.” (AHE, p.16).

De um modo geral, pode-se afirmar que a desventura de Macabéa está à altura do que ela representa. Isso se comprova, inclusive, no advertido discurso do narrador que, na tentativa de uma justificação, incorre, por outro lado, em preconceito, ao mencionar a produção literária com a qual a história dela se alinharia. É pelo sentimento de prevenção que a voz narrativa, referindo-se ao que escreve, dispara: “(Eu bem avisei que era literatura de cordel, embora eu recuse a ter qualquer piedade.)” (AHE, p. 33).

Nessa óptica da narração a heroína, quando vista no que pode reservar de interesse sobre a representação da mulher na novela clariceana, posta na trama como possibilidade de vir a ser, ou ter algum valor. “Pois até mesmo o fato de vir a ser mulher não parecia pertencer à sua vocação.” (AHE, p.28). Macabéa, avesso de tudo, constituindo sumariamente, como é possível antecipar, a grande negação da obra de Clarice.

### **Sob o signo dos Macabeus**

Que moça é essa, que quer vir à tona a despeito até da vontade do narrador? Ele, de antemão, já assegura: “Eu não inventei esta moça. Ela forçou dentro de mim a sua existência.” (AHE, p.29-30). Restando ao pesquisador(a) perguntar sobre que se baseia esta existência reivindicada por ela própria. Como é possível notar, estudar Macabéa é se deparar em *A hora da estrela* com uma constante inquirição. É preciso não se conformar com o que está na superfície do texto para que, aos poucos, ela vá se revelando. O próprio nome, já referendado e bastante incomum, suscita pistas que podem contribuir, por ilustração, para a compreensão de sua identidade.

É por uma clareira aberta pelo discurso que o(a) leitor(a) observa a jovem, na persistência de ser comum e nada profunda, feito “capim”, imagem bastante reiterada para fazer referência à Macabéa, dada como “tão antiga que podia ser uma figura bíblica.” (AHE, p.31). Ela que, apesar de nomeada mais parece anônima em *A hora da estrela*, surge com uma referência ao mais antigo dos livros. A associação, meio que despreziosa pela narrativa, estimula a análise a visitar a história dos macabeus, narrada nos livros apócrifos da antiga escritura. História contada também entre mito e realidade, reforçada a perspectiva pela autenticidade não comprovada dos fatos referidos.

São dois os livros históricos registrados na Bíblia de Jerusalém e embora um não seja a continuação do outro, mas paralelos, o *Segundo Macabeus*, concordando em geral com o livro primeiro, termina por dar credibilidade aos acontecimentos narrados por estas duas fontes independentes. Diferentemente do Segundo que, sendo mais erudito, é também mais fantasioso, e escrito com intenção de agradar, pois mais prega do que conta, o *Primeiro Macabeus* constitui um documento histórico precioso. Apesar de ser história religiosa o que pretende narrar, se tomado pela estimativa do gênero literário, não se pode levá-lo em conta sem considerar, conforme esclarece a introdução aos textos apócrifos, a tentativa de imitação das antigas crônicas de Israel, nem tampouco as intenções declaradas do autor.

É [este] judeu zeloso de sua fé e compreendeu que ela era o motivo da luta entre a influência pagã e os costumes dos pais. É, portanto, adversário resoluto da helenização e é cheio de admiração pelos heróis que combateram pela Lei e pelo Templo e que conquistaram para o povo a liberdade religiosa e posteriormente a independência nacional. É o cronista de uma luta em que foi salvo o judaísmo, portador da Revelação. (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006, p. 716).

No primeiro livro mencionado, são narrados os acontecimentos que envolvem a família do profeta Matatias e seus filhos, com especial atenção para Judas, Jônatas e Simão, todos eles sucessores do pai em liderar os judeus na revolta contra os gregos. Judas é designado pelo patriarca a assumir, em sua substituição, o comando das tropas. Os demais guerreiros são aclamados pelo povo, um após a morte do outro, para representá-lo.

Do cognome do valoroso Judas, principal herói desta história, também conhecido como o Macabeu, epíteto estendido aos demais irmãos, que vem o nome dado à rebelião. O etnarca Matatias, judeu inconformado, governou o povo por um ano. Sua chefia aclamada quando ele, indignado com a devastação que os gregos vinham fazendo em Jerusalém, inflama-se e parte para o ataque. Arma-se, então, o grande conflito, liderado, por um lado, pelo rei Antíoco Epífanes, que profana o Templo e desencadeia a perseguição; e, por outro, por Matatias, que lança o apelo à guerra santa.

É para o deserto que Matatias foge com a família, exortando todo aquele Perseverante na Lei a segui-lo. Foram muitos os refugiados que, renegando a prática religiosa dos gregos, se recusaram a comer carne de porco, profanar o sábado ou deixar de fazer a circuncisão nos filhos, conforme o ensinamento da doutrina, então contrariada pelos pagãos. Esses, de forma tirânica, exigiam que os judeus, rejeitando os seus, passassem a adorar os deuses deles. Aquele que burlasse a proibição pagaria com a própria vida.

É verdade que, em princípio, os judeus, no embate com a cultura helênica, são vítimas da própria prática doutrinária, como confirma Flávio Josefo (2007, p. 564), em *A história dos hebreus*. “Não podendo convencê-los [pelos argumentos] os soldados os atacaram num sábado e os sufocaram nas cavernas, porque a reverência que os judeus dedicavam a esse dia era tão grande que o temor de violá-lo, mesmo em tal extremo, fez com que eles, para manter o descanso que a Lei ordenava, não somente deixassem de se defender como também nada fizessem para obstruir a entrada das cavernas”.

Assim, não bastasse a opressão, o golpe baixo. Os gregos, cientes, então, dessa reverência, de propósito escolhiam o dia de sábado para atacar, até que o sumo sacerdote, percebendo a intenção, libera os irmãos judeus daquela observância quando em situação

de ataque. Assim é que, de enfrentamento em enfrentamento, eles, de espada em punho, foram vencendo o inimigo, recuperando o direito à doutrina e à restauração do Templo. Seguidas vezes, os macabeus venceram o povo helênico. À custa de grandes batalhas, intercaladas por intervalos em que a paz foi selada, os judeus tiveram a expressão religiosa garantida, sendo derrotados apenas quando, aliados, se deixaram corromper pelos romanos.

A cada conquista, todavia, além do direito à religião, outros eram reivindicados pelo conquistador. Dos despojos de guerra, por princípio, à independência política, tudo era exigido por Judas. É no comando do Macabeu, principalmente, que religião e direito de nação andam juntos, sendo este, inclusive, o motivo pelo qual a luta continua com ele, mesmo depois da liberdade religiosa adquirida.

Com esta forma de pensar do líder Judas, muitas são as vitórias do povo, e muitos são os tratados de aliança assinados em seu governo, todos reconhecendo na pessoa dele a perícia e a importante força política. Judas, assim como vai ocorrer com todos os líderes macabeus, é laureado sumo sacerdote, sendo esta ainda a máxima autoridade religiosa concedida por um rei. Digno de todas as honras, portanto, os aliados, por intermédio dele, estendem aos judeus, além do respeito à religião e à amizade em guerras futuras, o domínio dos territórios conquistados.

É verdade que, à primeira vista, parece improvável pensar uma relação entre o herói, para quem muito significa a estrela de Davi, e a personagem, aqui estudada, em *A hora da estrela*. Logo esta que, em vez de cinco, tem “mil pontas” (AHE, p. 85). Se falta à Macabéa em princípio a mola propulsora da indignação, ela que em nenhum momento vê pelo que lutar, e nem se acha com motivos, no texto, para se sentir ofendida (AHE, p. 40), batizá-la na novela, fazendo menção ao povo heroico, não deixa de constituir, por sua vez, um modo narrativo de defini-la por seu contrário. Macabéa, para se salvar, perdida que está para a narração, precisaria, portanto, lutar e, assim, sair do limbo a que foi banida (AHE, p. 23). No entanto, a julgar pelo embate de forças no livro, fica-se a imaginar a quem interessaria, na obra, realmente, esta “desejada” insurreição da personagem.

A história dos macabeus parece correr submersa à história da protagonista, se fazendo notar, aqui e ali, por intermédio de uma ou outra informação narrativa que vem à tona. Para este propósito da narração talvez concorra, refletindo sobre o que se escreve, a ligação da própria Clarice Lispector com o judaísmo, religião que, se não professa, ao menos a ela vai estar ligada desde o nascimento.

Se no âmbito da narrativa as associações com a história dos macabeus ficam no campo da sugestão, a pesquisa realizada nos originais de *A hora da estrela*, encontrados no Instituto Moreira Salles (IMS-RJ), descobre numa parte do texto que foi suprimida para a publicação da obra, por alguma razão desconhecida, uma referência mais direta para o que diz respeito à questão. O trecho que se segue, vale repetir, não consta da publicação da novela, no entanto, através da imagem do pássaro-macabeu, a que recorre, constata-se o diálogo com a história desse povo, aqui discutida. Diz o narrador, no registro dos manuscritos, fl. 42-43 (conforme numeração do arquivista do IMS), fazendo apologia à morte da jovem:

Mas é preciso dizer que exatamente no instante da morte de Macabéa um bico fraco furou a casca do ovo e nasceu-se um mero pardal – só para que o mudo soubesse que Macabéa não era insubstituível: em lugar dela um pardal nascia. **Esse novo macabeu** saiu hesitante mas logo planou vô oblíquo e suave ao som do Danúbio Azul tocado pelo homem de terno preto ao violino”. (Grifo nosso)

À morte de Macabéa, no texto em supressão, segue-se este “novo macabeu”. E para fazer referência a este povo, de forma imagética, ou à perseguição de que foi vítima, prefere remeter os sentidos do texto para uma situação de caça predatória, por intermédio do pardal, também predador. No texto que foi publicado, por sua vez, a ideia de que “a vida come a vida” se mantém, só que agora expressa na águia voraz que ergue para o alto a tenra ovelha, da mesma forma que um gato macio estraçalha um rato sujo qualquer (AHE, p. 85). Ou seja, no fim, tudo é substituição, como leva a crer o discurso do narrador.

Percebendo em *A hora da estrela* os rastros de uma doutrina, e sem dispensar dela os conflitos, Berta Waldman (2003), estudando, entre outros, os reflexos do judaísmo na obra da escritora, traz importantes explicações sobre a representação dos judeus na Literatura contemporânea. Eles são geralmente percebidos e “enquadrados nos estereótipos dos ‘inassimiláveis’, tornando-se inadequados ao projeto de construção da brasilidade”. Embora esta falta de assimilação se dê por características diversas do apresentado, até aqui, no quesito deslocamento as duas representações se encontram. Os judeus comumente são tomados como usurários e pouco solidários, o que faz deles parasitas sociais, sem falar que são “inconvertíveis”, dada a uma religião restrita e impassível de amálgama. De qualquer forma, são eles uns “indesejáveis em todos os sentidos porque rotulados como opositores do progresso e do engrandecimento da pátria brasileira.” (WALDMAN, 2003, p. XVII).

Ao que parece, sob o reflexo desta representação, Macabéa, procurando em *A hora da estrela*, de algum modo, o seu lugar, vai fazer, então, intertexto com o judeu errante:

No romance *A Hora da Estrela*, Clarice Lispector procede intertextualmente, isto é, seu texto, através do nome da protagonista, Macabéa, inscreve imediatamente dois planos escriturais paralelos, sendo o matricial o *Livro dos Macabeus*, considerado apócrifo pelos judeus. A alusão à matriz externa provocada pelo nome da protagonista faz com que os textos dialoguem, levando-nos a ressignificá-los, o que coloca o romance de Lispector no eixo dos comentários modernos e laicos do texto sagrado. (WALDMAN, 2003, p. XXVII).

Numa perspectiva mais contemporânea, e conforme uma tendência que se manifesta histórica e literariamente, os judeus, “braço de trabalho barato” como o de todos os imigrantes chegados ao Brasil, também vão fugir do campo e se instalar nos centros urbanos, estando nesta particularidade outra semelhança com a heroína Macabéa.

O narrador, conforme já dito, para tratar a questão parte das próprias experiências, chega a declarar: “Ainda bem que o que vou escrever já deve estar na certa de algum modo escrito em mim. Tenho é que me copiar” (AHE, p. 20). Assim, é possível que haja mesmo uma tentativa de aproximação entre as histórias, sendo a migração nordestina comparada, na sutileza da narrativa, quem sabe, ao êxodo que submeteu o povo judeu a ser um desterrado na própria pátria.

Quanto à história dos macabeus, a prepotência, já conhecida nos gregos, constitui a velha fórmula encontrada para exercer opressão. Ao arvorarem para si a condição de civilizadores, acham-se no direito de condenar o outro e submetê-lo às suas vontades. Desse modo, se for levada em conta uma perspectiva de representação dominante, os macabeus, dos livros apócrifos, estão, por comparação, muito próximos dos bárbaros, já estudados pela história oficial, embora consigam, pelo menos por um determinado tempo, reverter a situação.

Em *A hora da estrela*, por sua vez, estando Macabéa, pela invocação do nome, do lado dos macabeus, Olímpico, o “traidor” pretendente, vai se reunir aos gregos, cujo nome já denuncia, para não deixar dúvidas quanto à oposição narrativa entre os dois. E já que não existe discurso inocente, sem intenção, repare-se neste trecho, referindo-se à visita que fazem ao zoológico, como, pelo sema religioso, aparece ilustrada a questão. “O rinoceronte lhe pareceu um erro de Deus, que me perdoe por favor, sim? Mas não pensara em Deus nenhum, era apenas um modo de. Com **a graça de alguma divindade** Olímpico nada percebeu [do medo que ela teve do animal]”. (AHE, p. 55, grifo nosso).

Como se vê, o jogo de oposição se enuncia a todo instante. E se a leitura da novela revela que não há nela conflito de religião, fosse o(a) leitor(a) convidado(a) a apontar na obra indício de uma questão, talvez arriscasse dizer que, havendo desacordo em *A hora da estrela*, ele se estabelece de forma mais ampla em âmbito cultural. E deste nem

Olímpico escapa, pois quando se trata de caracterizar as personagens pelo prisma regional, não esquecer que ele e Macabéa, no texto, são dois bichos da mesma espécie, que se farejam (AHE, p. 43).

Tem-se aí, portanto, a fórmula já cristalizada. De um lado, a pobre nordestina, vinda do sertão de Alagoas, cuja terra, considerada a aridez, também pode ser tomada pela do namorado paraibano. De outro, o antípoda Rodrigo S. M.. O Rio de Janeiro, quando comparado à região de onde vêm as personagens, visto como terra de promessa. É antiga, como se sabe, esta relação cartesiana, entre campo e cidade, e a novela clariceana, neste aspecto, endossa esse tipo de representação opositiva.

Embora a realidade histórica seja muito mais variada, não cabendo mais na binaridade, há que se considerar estes tradicionais extremos, que se coadunam, no texto literário, em atitudes parcialmente poderosas. Como lembra Raymond Williams (1990, p. 11), na “longa história das comunidades humanas, sempre esteve bem evidente esta ligação entre a terra da qual todos nós, direta ou indiretamente, extraímos nossa subsistência, e as realizações da sociedade humana. E uma dessas realizações é a cidade: a capital, a cidade grande, uma forma distinta de civilização”.

O campo, associado em Literatura a uma forma natural de vida, frequentemente também aparece como lugar do atraso, da ignorância e da limitação. A cidade, por sua vez, centro de realização, inicialmente associada ao lugar do saber, assim surge em *A hora da estrela*, por exemplo, e jamais em sua associação negativa com o lugar do barulho, mundanidade e ambição. Tudo se resumindo num problema de perspectiva, como bem lembra o crítico (WILLIAMS, 1990, p. 21), discutindo a realidade inglesa, mas que tão bem se aplica às demais realidades.

Mais grave que a divisão territorial, entretanto, é a diferença que se estabelece na obra por intermédio da intelecção. Ou seja, é pela forma de ver ou entender, tomando por base uma confortável posição, tanto social quanto intelectual, que o Outro, por exemplo, porque diferente, tem a sua caracterização baseada na falta. É assim que se mostra o discurso galvanizado de *A hora da estrela*. Mais do que tentar compreender a personagem através de um contexto econômico e político, totalmente adverso, o que não significa impassível de síntese, os insucessos da personagem parecem originar-se mais em uma cultura “primitiva”, portanto, anti-moderna.

Somente aquele que se reinventa é capaz de sobreviver na diferença, como exemplifica o texto clariceano. E Macabéa era “habituada a se esquecer de si mesma. Nunca quebrava seus hábitos, tinha medo de inventar.” (AHE, p. 49). Assim, de um modo



geral, Macabéa não existe em *A hora da estrela*, a não ser por sugestão. Desde sempre fadada ao fracasso, escrever sobre a jovem é também um jeito encontrado pelo narrador de derrotá-la, dela se livrando, como ocorrerá no final do livro.

No que diz respeito, ainda, ao nome dela, que mais lembra a Olímpico uma doença de pele (AHE, p.43), responde a moça:

— Eu também acho esquisito mas minha mãe botou ele por promessa a Nossa Senhora da Boa Morte se eu vingasse, até um ano de idade eu não era chamada porque não tinha nome, eu preferia continuar a nunca ser chamada em vez de ter um nome que ninguém tem mas parece que deu certo. — Parou um instante retomando o fôlego perdido e acrescentou desanimada e com pudor; — Pois como o senhor vê eu vinguei... pois é...

E nesta desculpa por ter “vingado”, ou “resistido”, fica-se sabendo que a personagem é prometida à morte desde o nascimento. Cedo ficando órfã, a moça chega a esquecer o nome dos pais, já que a tia nunca os mencionava (AHE, p.37), de modo que nem sabia mais o “gosto” que dava ter um.

No quesito corporalidade, Macabéa, “que de aparência era assexuada” (AHE, p.34), e apesar do esforço da narrativa em fazer dela um ser estéril, imagem reiterada pela constante referência aos “ovários murchos”, conhece a lascívia e as urgências de um corpo desejanse. Isto, entretanto, em nada contribui para a vitalidade da personagem, insistentemente negada pelo narrador, a exemplo do que afirma: “A mulherice só lhe nasceria tarde porque até no capim vagabundo há desejo de sol.” (AHE, p.28).

Macabéa, sem dúvida, é uma personagem desejosa, apesar de não saber que o fosse. Entretanto, permanece virgem na narrativa. O romance com Olímpico, não se confirmando, é para ela motivo de frustração, já que, fantasiosa, “só pensava no dia em que ele quisesse ficar noivo. E casar.” (AHE, p. 59). Sem casório, sem filhos, ela encerra-se nela mesma, não há o que perpetuar. E veja que, para tanto, libido não lhe faltava: “era realmente de se espantar que para corpo quase murcho de Macabéa tão vasto fosse o seu sopro de vida quase ilimitado e tão rico como o de uma **donzela grávida**, engravidada por si mesma, por partenogênese” (AHE, p.60, grifo nosso).

Interessante perceber, por sua vez, o quanto a morte é retribuidora da personagem em *A hora da estrela*. Inclusive no quesito revelação. Se não há disfarce para a personagem, uma vez que na obra ela é servida “crua”, no sentido mesmo em que emprega Lévi-Strauss (2004), a obviedade de Macabéa é apologética em seus instantes finais. No momento de agonia da personagem, a narrativa não só lhe concede certa sensualidade, como parece lhe devolver um corpo até então não pertencido. E completa, buscando uma desculpa numa proposta feita à revelia do discurso de Simone de Beauvoir (1980): “Seu

esforço de viver parecia uma coisa que, se nunca experimentara, virgem que era, ao menos intuía, pois só agora entendia que **mulher nasce mulher desde o primeiro vagido. O destino de uma mulher é ser mulher.**” (AHE, p.84, grifos nossos).

E Macabéa não fora mulher. Mas a questão maior é: como ser, numa narrativa toda contrária a ela? Desde sempre o Rio de Janeiro representa para a personagem a sua “cidade inconquistável” (AHE, p.81). Neste palco de adversidades, para onde migrou, a batalha diária pela sobrevivência foi sempre vã. E ela não guerreia, como faz supor a uma combatente heroína, apenas, enquanto pode, teima em resistir.

Mas nada é Macabéa em *A hora da estrela*. Nem uma guerreira, que se assemelhe aos irmãos macabeus, nem a donzela, a ela prometida por seu lado “medieval”. Ao fim do livro, resta somente a grande ironia da narração: “E enorme como um transatlântico o Mercedes amarelo pegou-a – e neste mesmo instante em algum único lugar do mundo um cavalo como resposta empinou-se em gargalhada de relincho.” (AHE, p. 79).

Sendo este o momento em que o destino a assalta na narrativa, é também a vez, mais uma, em que o narrador Rodrigo S. M., do alto de seu cabedal de cultura, através do relincho do cavalo, ri de sua personagem e de tudo o que ela representa. Ora, só uma gente muito primitiva, da estirpe de Macabéa, pode acreditar em falsos profetas, parece querer concluir o presunçoso narrador. Sem escapatória, portanto, a morte dela, em *A hora da estrela*, é regada à ilusão, assim como, no elegante recurso da sugestão, é regada a sua vida.

Caracterizada até o fim da narrativa, por não saber, a personagem morre, portanto, sem sequer desconfiar que a previsão da madama Carlota fora trocada, pois estava endereçada a outra crédula cliente. Quanto ao leitor(a), cumpre assistir, por fim, já sem nenhuma surpresa, à imitação cênica desta última página da vida da personagem. “Voltando ao capim.” Ou seja, chegada a hora e nada mais havendo a fazer, a heroína, fielmente, é devolvida à “grande natureza” (AHE, p. 80), representativa, quem sabe, da origem de “maus antecedentes” (AHE, p. 27) .

## **Conclusão**

Em *A hora da estrela*, seja porque se trata de uma narrativa do agora, ou, como pretende o narrador, escrevendo na hora mesmo em que é lido (AHE, p.12), não há um modelo deliberado a seguir, embora o passado, invadindo a obra presente, abra espaço para muitas sugestões.

Visível é a fenda que se faz entre Macabéa e o narrador de *A hora da estrela*. A personagem, reduzida a uma condição de vivente, uma primária vida, termina por dar relevo ao evoluído Rodrigo S. M., tudo se resumindo, no texto, a uma perspectiva em que o Eu se faz, à medida que vai neutralizando o Outro. Se a sociedade contemporânea age com crueldade no tratamento dado às diferenças, na novela, Rodrigo S. M., como fiel representante dela, vai calar o discurso de Macabéa, suplantado por outro, que tenta tornar inócuo tudo o que ela anuncia.

No mundo contraditório da personagem, nem lugar ela tem. É uma retirante, na Geografia e no Discurso. Ao migrar, tornou-se deslocada para sempre, é o que faz crer a narração, o Rio nunca podendo lhe conceder sentido algum. Por esta lógica, somente morta é que Macabéa paradoxalmente parece viver. Ou seja, somente morta é que a personagem se “salva”, contrapartida do texto que, reconhecendo nela a exata medida da “grandeza” que cabe a “cada um” (AHE, p.81), ainda que na última hora, concede-lhe uma morte que se não é poética ao menos tira e muito o tom trágico.

No que diz respeito aos macabeus, referentes que constituem motivos para a narração em *A hora da estrela*, importante, sem dúvida, a descoberta, para esta pesquisa, do texto suprimido por Clarice Lispector. Na verdade, o estudo dos manuscritos originais da obra termina por confirmar uma direção que vinha sendo desenvolvida a partir das pistas do narrador, levando ao encontro, ainda que indireto, com a história dos macabeus.

O trabalho com os originais da novela, a demonstrar, em definitivo, mais supressão e substituição, do que propriamente acréscimo, testemunha, ainda, do penoso trabalho da escritora quando hospitalizada, em 1977. Este é o ano também da morte de Clarice Lispector, que aproveita tudo quanto é pedaço de papel para fazer nele anotações, lembretes da narrativa e falas completas das personagens de *A hora da estrela*. Os textos completos, e de natureza corrente, também arquivados numa mesma pasta, pressupõe terem sido escritos em períodos de melhor convalescença da escritora. A posse de tão rico material, coletado em concomitância com o estudo da novela, possibilitou, por fim, montar o arcabouço necessário ao desenvolvimento desta análise.

Os macabeus, na defesa que aqui se faz, lembrados especialmente por sua rebelião. É o espírito insurgente deste povo que os leva a enfrentar os gregos, seus opositores, na cultura e, sobretudo, na religião. É uma história de lutas, de conquistas e realizações muito próprias de um povo heróico. Já Macabéa é personagem síntese de uma raça que ainda nem reivindicou o direito ao grito (AHE, p. 80), o que faz pensar ser este mais um jogo de oposição, entre aqueles que respondem pela montagem da novela.

A menção aos macabeus por intermédio já do nome da heroína, parece constituir, assim, um modo da narrativa definir a jovem por seu contrário, o seu anti-heroísmo sendo posto em relevo, a partir do heroísmo daquele povo, a quem equivale por inversão. Ou seja, dócil, pacífica, indolente e incapaz de subversão, até porque não parece sentir a opressão, a moça é, no espelho da identificação, o reflexo deformado daquela gente. Até a morte, gloriosa para alguns heróis, inclusive macabeus, é, para Macabéa, apesar de sua espetacularização na narrativa, a solução de uma lástima.

Macabéa, assim como os antepassados macabeus, é uma vítima oprimida. A tirania sendo exercida, entretanto, no estabelecimento de relações sociais pré-definidas por um supra-discurso da fala dominante. Não bastasse o narrador, o chefe, a amiga, o namorado, todos eles estão na novela numa situação mais confortável que a carente jovem.

Como mulher, Macabéa também é insistentemente improdutiva. Juntamente com a tia, ela tinha migrado de Alagoas, “ignora-se por quê” (AHE, p. 30), informação de saída que, mais que conotação econômica e política, referente ao tira-teima entre o cáustico Nordeste e o Sul maravilha, faz contrastar com a de Olímpico (o “namorado”), que não só migrou do sertão da Paraíba, de lá fugiu, por ter matado um homem (AHE, p. 46). Gaba-se, inclusive, de ter a foto saída em jornal. Ambicioso, o moço traça suas metas e, de fato, caminha na direção delas, pouco importando por que caminhos escusos.

De todas as referências a Olímpico, duas merecem, a título de conclusão, ainda, o destaque narrativo: suas belas esculturas de santo faziam dele um artista, ainda que não o soubesse; e, diferente da jovem, ele é uma personagem com futuro, como antecipa o narrador, em prolepse, informando que o rapaz realmente chega a ser deputado, obrigando, inclusive, a chamarem-no de doutor. (AHE, p. 46).

Por tudo isso, ele era “mais passível de salvação que Macabéa, pois não fora à toa que matara um homem, desafeto seu, nos cafundós do sertão, o canivete comprido entrando mole-mole no fígado macio do sertanejo. Guardava disso segredo absoluto, o que lhe dava a força que um segredo dá. Olímpico era macho de briga”. (AHE, p. 57). À Macabéa, portanto, faltando, como em tudo, esta ousadia “de macho”, com honra lavada em sangue.

Olímpico “também se salvava mais que Macabéa porque tinha grande talento para desenhar rapidamente perfeitas caricaturas ridículas dos retratos de poderosos nos jornais” (AHE, p. 58). Como vê, além de tudo, ele é salvo pela arte, lado sublime da personagem que surpreende, aliás, no texto clariceano, porque contrasta com a “natureza”

rude do rapaz. Verdade que Macabéa também tem lá a sua sensibilidade. Mas esta, quando não é voltada para trás, como o canto do galo que a deixa nostálgica, é para ela mortal. O botão de rosa, que costuma comprar, a cada salário recebido, possui uma beleza efêmera, e sua predileção por filmes em que apareça mulher enforcada, ou que leva tiro no coração, revela no gosto da moça o princípio de uma personagem obcecadamente seduzida pela morte.

Quando cotejados, então, a vida de Olímpico terá continuação, como se sabe, na projeção de que “dele nasceriam filhos, ele tinha o precioso sêmen” (AHE, p. 58). Ela, não, encerrando-se em si mesma, não será perpetuada, já que não tem como reproduzir, “seus pequenos óvulos tão murchos. Tão, tão.” (AHE, p. 33). Calculista, outra característica impensada para Macabéa, Olímpico vê em Glória, além de todas as vantagens “que nordestino não podia desprezar” (AHE, p. 59), “material de boa qualidade”, imagem repetida ao menos duas vezes, na novela (AHE, p. 60), para dar conta de Glória como sua *mais valia*, que faz o moço não pensar duas vezes quando lhe aparece a possibilidade de troca.

Discutir, por fim, a mulher que se representa em *A hora da estrela*, por intermédio de Macabéa, é mesmo tarefa para exaustão. Quanto mais se quer saber dela, mais se sabe de Olímpico, outro equivalente, por oposição. Assim procedendo, a narrativa, ainda que seja a autoria feminina, concede ao narrador, masculino, plenos poderes de dominação.

Na verdade, se é que há nisto uma coerência, não há, no texto, um interesse em captá-la, nem como mulher, nem como gente. Daí que a imagem do capim, a ela tantas vezes relacionada, condense esta informação. De viver “ralo”, ele se alastra facilmente, como as tantas Macabéas que se encontram, por aí, em condição semelhante. E mesmo que almejem ceifá-lo, o narrador disso parece ter consciência, teimará a persistir, feito uma erva daninha que, por mais que se tente, dela não consegue se livrar totalmente.

## Referências

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. *A invenção do nordeste e outras artes*. Recife: Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 7. ed., Campinas: Papius, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. Rabelais e a história do riso. In: *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 3. ed., São Paulo: Hucitec; Brasília: UNB, 1993, p. 51-123.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. 10. impressão, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, v.2.

BOSI, Alfredo. Clarice Lispector. In: \_\_\_\_\_. *História concisa da Literatura Brasileira*. 44. ed., São Paulo: Cultrix, 2006, p. 423-426.

CANDIDO, Antonio. No raiar de Clarice Lispector. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas cidades, 1970, p. 123-131.

DE FRANCESCHI, Antonio Fernando (org.). Clarice Lispector. *Cadernos de Literatura Brasileira*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 17 e 18, dez., 2004.

GOTLIB, Nádya Battella. Macabéa e as mil pontas de uma estrela. In: MOTA, Lourenço Dantas & ABDALA JUNIOR, Benjamin (Orgs.). *Pernonae - grandes personagens da literatura brasileira*. São Paulo: Senac, 2001, p. 285-317.

HELENA, Lucia. *Nem musa, nem medusa: itinerários da escrita em Clarice Lispector*. 2. ed., Niterói: EDUFF, 2006.

JOHNSON, Paul. *História dos judeus*. 2. ed., Rio de Janeiro: Imago, 1995.

JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus*. 11. ed., Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2007.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O cru e o cozido*. São Paulo: Cosac & Naif, 2004, Série Mitológicas, v. 1.

LIMA, Luiz Costa. A mística ao revés de Clarice Lispector. In: \_\_\_\_\_. *Por que Literatura*. Petrópolis: Vozes, 1969, p. 98-124.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

NUNES, Benedito. O mundo imaginário de Clarice Lispector. In: \_\_\_\_\_. *O dorso do tigre*. São Paulo: Perspectiva, 1969, p. 93-139.

\_\_\_\_\_. *O drama da linguagem – uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. A paixão de Clarice Lispector. In: NOVAES, Adauto (Org.). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras; Rio de Janeiro: FUNARTE, 1987, p. 269-281.

\_\_\_\_\_. A narração desarvorada. In: DE FRANCESCHI, Antonio Fernando (org.). Clarice Lispector. *Cadernos de Literatura Brasileira*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 17 e 18, dez., 2004, p. 292-301.

PORTELLA, Eduardo. O grito do silêncio. In: \_\_\_\_\_. *Confluências – manifestações da consciência comunicativa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983, p. 175-178.

PRIMEIRO MACABEUS e SEGUNDO MACABEUS In: *Bíblia de Jerusalém*. 4. impressão. São Paulo: Paulus, 2006.

QUEIROZ, Vera (Org.). Clarice Lispector. *Revista Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Colégio do Brasil, n. 04, janeiro a março de 1991.

ROSENBAUM, Yudith. No território das pulsões. In: DE FRANCESCHI, Antonio Fernando (org.). Clarice Lispector. *Cadernos de Literatura Brasileira*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 17 e 18, dez., 2004, p. 261-279.

RUTHVEN, K. K.. *O mito*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

SANTOS, Roberto Corrêa dos. *Lendo Clarice Lispector*. São Paulo: Atual, 1986.

SOUZA, Carlos Mendes. A revelação do nome. In: DE FRANCESCHI, Antonio Fernando (org.). Clarice Lispector. *Cadernos de Literatura Brasileira*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 17 e 18, dez., 2004, p. 140-191.

WALDMAN, Berta. A retórica do silêncio em Clarice Lispector; O estrangeiro em Clarice Lispector. In: *Entre passos – presença judaica na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: FAPESP/ Associação Universitária da Cultura Judaica, 2003, p. 03-13; p. 15-33.

\_\_\_\_\_. Uma cadeira e duas maçãs: presença judaica no texto clariciano. In: DE FRANCESCHI, Antonio Fernando (org.). Clarice Lispector. *Cadernos de Literatura Brasileira*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 17 e 18, dez., 2004, p. 241-260.

WILLIAMS, Raymonnd. *O campo e a cidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.